

***D. NARCISA DE VILLAR E O VOTO FEMININO EM CIRCULAÇÃO  
DIGITAL NO BRASIL***

***D. NARCISA DE VILLAR AND THE FEMININE VOTE IN DIGITAL  
CIRCULATION IN BRASIL***

Marlene Rodrigues Brandolt<sup>1</sup>

*mbrandolt@yahoo.com.br*

Renata Marques de Avellar Dal-bó<sup>2</sup>

*renatamadb@gmail.com*

Tatiana Czornabay Mânica<sup>3</sup>

*taticmanica@gmail.com*

**Resumo:**

A partir da literatura das escritoras do século XIX, tem-se por objetivo pensar a literatura de Ana Luísa de Azevedo Castro (1823-1869), com o romance feminino *D. Narcisa de Villar*, de 1858, e de Josefina Álvares de Azevedo (1851-1913), com a peça teatral *O voto feminino*, de 1890, na dependência com os epitextos, sobretudo em redes sociais. A reflexão paratextual será determinada pelo estudo do ponto de vista de Gérard Genette, em *Paratextos editoriais*, de 2009, com a finalidade de contribuir com a revisão das oitocentistas e suas obras em análise pela internet.

**Palavras-chave:** Reflexão paratextual. Escritoras do século XIX. Epitextos.

**Astract:**

This study explored the epitexts of the nineteenth-century writers Ana Luísa de Azevedo Castro (1823-1869) and her 1858's female novel *D. Narcisa de Villar*, and Josefina Álvares de Azevedo (1851-1913) and her 1890's theater play *O voto feminino*, which are available in social media. Paratextual reflection will be determined through the point of view of Gérard Genette (*Editorial Paratexts*, 2009) to contribute with the review of the nineteenth-century writers and their works available online.

**Keywords:** Paratextual reflection. Nineteenth-century writers. Epitexts.

---

<sup>1</sup> Pós-doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>2</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL).

<sup>3</sup> Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL).

Figura 1 – Ana Luísa de Azevedo Castro



Fonte: Botteon (2015)

Figura 2 – Josefina Álvares de Azevedo



Fonte: Azevedo (2018)

## 1 PARA INICIAR

Desde a metade do século XIX, com a chegada da família imperial portuguesa, a imprensa no Brasil desperta o interesse pelos romances de folhetim e por outros modos de informações em jornais, quando, em suas páginas, circulavam notas de culinária, moda e outras abordagens sobre os direitos políticos da mulher. À época, a imprensa gráfica repassava opiniões editoriais de acordo com os recursos disponibilizados, bem como, nos dias atuais, a internet tornou-se parte relevante junto a leitores com acesso a áreas virtuais – seja por arquivos

de periódicos especializados em literatura ou *links* com notícias dos mais diversos conhecimentos.

A proposta dessa mediação digital é fundamentada pelos *Paratextos editoriais*, de Gérard Genette, com tradução para o português em 2009, livro definido por um conjunto de signos verbais e não verbais com íntima ligação com o texto que “se torna livro e se propõe como tal a seus leitores” (GENETTE, 2009, p. 9). O movimento regulado pelo termo paratexto, designado pelo filósofo francês, ocupa “uma zona de transição entre o texto e o extratexto” (GENETTE, 2009, p. 358) e compreende duas categorias: uma delas em torno do texto, definida como peritexto, a exemplo do título ou do prefácio; outro termo recebe o nome de epitexto, relacionado, por vezes, ao suporte midiático – em que “tudo sobrevive, ou ressuscita” nas plataformas virtuais (GENETTE, 2009, p. 354). Para Gérard Genette, o epitexto – associado a recursos fora do livro – não é uma categoria isolada de outras denominações paratextuais, assim, sem limite rigoroso, no discurso do mundo sobre o livro, há o cruzamento “entre o dentro e o fora” do texto” (GENETTE, 2009, p. 10).

Com o objetivo de incluir o epitexto, “elemento paratextual que não se encontra anexado materialmente ao texto no mesmo volume, mas que circula de algum modo [...] virtualmente”, seleciona-se duas escritoras do século XIX para compreender como as raízes da literatura brasileira são retomadas pela internet (GENETTE, 2009, p. 303). Para se alcançar o efeito interpretativo mencionado, toma-se *D. Narcisa de Villar*, de 1858, romance da escritora catarinense Ana Luísa de Azevedo Castro (1823-1869), atualizado pela Editora Mulheres, em 2008, e a peça teatral *O voto feminino*, publicada em 1890, da jornalista, dramaturga e escritora Josefina Álvares de Azevedo (1851-1913), ambas com imagens editadas na abertura deste texto. Manchetes e folhetins em periódicos são epitextos com que o leitor com acesso à internet pode pensar os modos pelos quais as escritoras em estudo participaram do cenário nacional da literatura de autoria feminina. Nas atuais páginas digitais, os nomes das escritoras, além de ocuparem o portal de periódicos nacionais, como parte da memória institucional da literatura, são direcionados aos espaços de vendas, consolidando a divulgação dos livros, das autoras e das editoras.

## 2 CIRCULAÇÃO VIRTUAL DAS OITOCENTISTAS

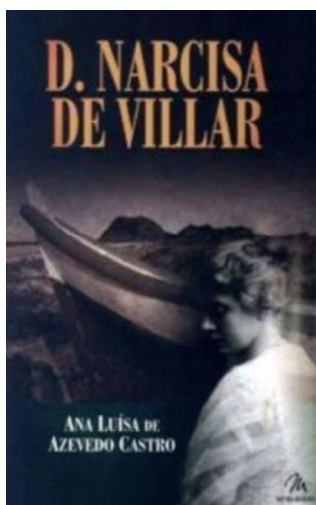
As novas interferências que abalam o setor cultural, com os graves episódios da Covid-19, alteraram o mercado editorial, que aplicou maiores recursos da mídia em informações ligadas à literatura pelos recursos de vídeos, áudios e notícias em redes sociais. Por esses veículos, é possível verificar a proposta de renovação de Ana Luísa de Azevedo Castro que se mantém nos itens recentes dos paratextos *on-line* da Amazon. Da mesma forma, Josefina Álvares de Azevedo permanece no *link* da Procuradoria Especial da Mulher (2019), num diálogo com os dias atuais.

O critério do epitexto é uma forma de divulgação contemporânea realizada, por exemplo, pela redatora Luciana Diogo que, em 28 de setembro de 2018, na Estante Imprensa no XIX, traz o anúncio da obra no *Correio Popular*, de 1858. Nele, a obra é indicada com a manchete intitulada *Narcisa de Villar: legenda do tempo colonial pela Indygena do Ypiranga*, apresentando a autora catarinense com o pseudônimo de *Indygena do Ypiranga*, a qual lançou o livro no jornal *A marmota* de 13 de abril a 6 de julho de 1858.

O livro *D. Narcisa de Villar* inclui um paratexto de abertura sob o tom da voz da *Indygena do Ypiranga*, apresentando-se ao leitor, dizendo que conseguiu vencer “enfim, a extrema timidez”, para contar a história de *D. Narcisa de Villar*; nesta abordagem, há uma sutil forma de evocar a consciência da entrada de mulheres no âmbito da escrita de autoria feminina (CASTRO, 2008, p. 21). A propósito, a escritora narra a história da personagem, de mesmo nome da obra, *D. Narcisa de Villar*, órfã que, por volta dos doze anos de idade, deixa Portugal e vem para a cidade brasileira de Ponta Grossa para viver com os três irmãos, sendo o mais velho ligado ao serviço do governo português. A jovem fica aos cuidados de uma índia, Efigênia, e de seu filho, Leonardo, com os quais passa a admirar os indígenas, diferentemente de seus irmãos, homens de caráter violento.

Narcisa e Leonardo crescem juntos, e o amor entre eles é revelado diretamente quando os irmãos da moça escolhem para ela um marido rico e português, o coronel Pedro Paulo. A programação do casamento é interdita pelos protagonistas, que fogem em uma canoa e, na travessia, encontram uma tempestade que os leva à Ilha do Mel. Com o panorama desenhado, o leitor acompanha os jovens, que se escondem em uma gruta e, logo que descobertos pelos irmãos de Narcisa, se submetem à crueldade de sofrimento que ultrapassa os limites da vida.

Figura 3 – Capa da edição on-line de *D. Narcisa de Villar*



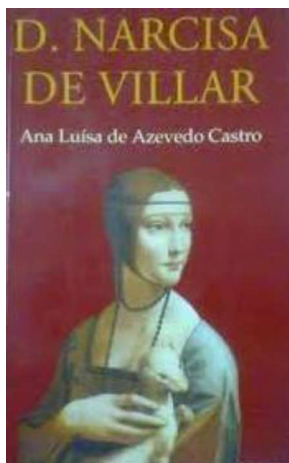
Fonte: <https://www.travessa.com.br/d-narciza-de-villar-1997/artigo/3a9acd63-3963-4dbf-ada7-6fca0e28df79>

A intensidade emocional das cenas de fuga é marcada pela fragilidade da canoa e da tempestade que os afasta do destino pretendido, levando-os a se refugiarem na gruta, onde são assassinados. Além dessas tensões reproduzidas nos tons sombrios da capa do livro (Figura 3), outra surpresa fica por conta da dramaticidade provocada pela revelação da índia Efigênia: Leonardo é filho de um irmão de Narcisa, D. Luís.

Sob essa perspectiva, a escritora mostra domínio narrativo ao indicar a voz de uma narradora produzindo o deslocamento do tempo da escrita, de 1858, para o “dia de todos os Santos, 1º de Novembro de 1669”, período em que os fatos narrados acontecem (CASTRO, 2008, p. 77). No local da trama, o cenário envolve fé, medo, castigo, morte e, pela densidade das cenas, a narrativa torna-se propícia para a adaptação em vídeo, como circula *D. Narcisa de Villar* no YouTube. A plataforma digital combina artes plásticas e literatura, roteirizando, de modo geral, os passos da donzela, uma protagonista representada pela pureza e graciosidade.

É preciso recordar, seguindo o pensamento de Roger Chartier, “que não há texto fora do suporte que lhe permite ser lido (ou ouvido)” e “que não há compreensão de um escrito, qualquer que seja” (CHARTIER, 1991, p. 182), que não dependa das formas impressas ou digitalizadas pelas quais alcançam os que deles se apoderam. O recorte paratextual sugerido lembra a multiplicidade de informação que um livro pode carregar sem fazer fronteira editorial; assim, o romance *D. Narcisa de Villar* sai das estantes de material impresso para o conteúdo *on-line*, conforme a imagem:

Figura 4 – Capa da edição on-line de *D. Narcisa de Villar*



Fonte: Caju (2012)

O resultado, disponibilizado no *site* em 18 de abril de 2012, trata da biografia e das particularidades de uma história contada e protagonizada por uma jovem; o áudio ainda faz referência à intertextualidade narrativa no que diz respeito à criação da protagonista de Machado de Assis, Capitu, em *Dom Casmurro*, de 1899, como aparece na transcrição (Figura 5).

Figura 5 – Capítulo “Intertextualidade entre D. Narcisa e Dom Casmurro”

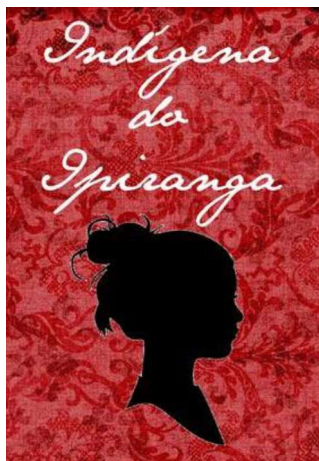
Lembre-mos de que homens escrevem em 1800, não mulheres. Ao gênero feminino, era relegado o plano das artes domésticas, não das intelectuais. A possibilidade de escutarmos e lermos esse testemunho nos traz à mente uma Capitu, a que “tinha já idéias atrevidas”, a que “as curiosidades dariam um capítulo à parte”. Temos uma narradora-quase-Capitu, sem os impulsos e as decisões da criação machadiana, é óbvio, mas com um princípio, talvez, de revolução feminina, no erguer a voz ao alto das artes literárias e bradá-la, mesmo que paradoxalmente frágil.

Fonte: Caju (2012)

É interessante comentar que Capitu e Narcisa estão em planos estéticos narrativos diferentes, uma é protagonista criada sob o ponto de vista de Machado de Assis; enquanto a outra história é contada sob o ponto de vista feminino. Apesar das perspectivas diferentes, os discursos tratam de ressaltar a presença da mulher no século XIX, quando as escritoras desafiaram com as letras inúmeras lacunas sociais e culturais, como se observa pelos registros

atuais de suas produções, aqui, ilustradas pelas obras nomeadas. Na busca de epitextos que justifiquem tal argumento, encontra-se a literatura de *D. Narcisa de Villar* no formato de vídeo de Carla Botteon, de 11 de novembro de 2015:

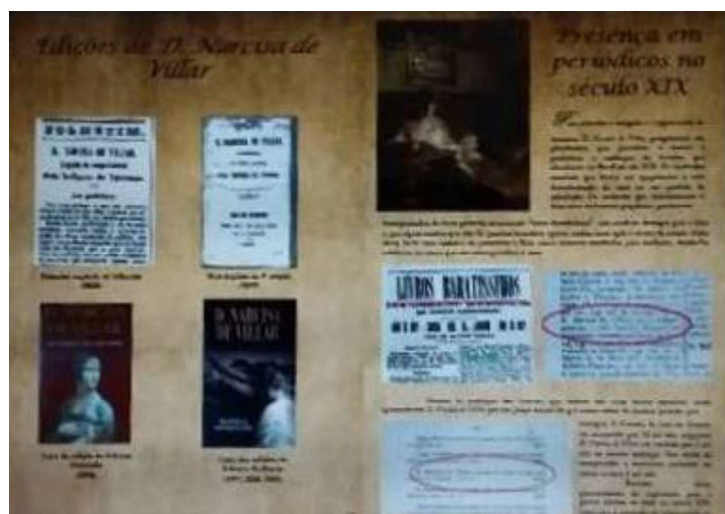
Figura 6 – *Indígena do Ipiranga*



Fonte: Botteon (2015)

A produção eletrônica de Carla Botteon, com o título *Indígena do Ipiranga*, oferece ao público um trabalho completo sobre a oitocentista, além de comentar sobre o uso de pseudônimo por escritoras da época, o que seria uma forma de as mulheres se defenderem dos ataques da crítica, bem como de fortificar a memória cultural na exposição de biografias, oferecendo dados de que Ana Luísa de Azevedo Castro: a) nasceu no município de São Francisco do Sul, provavelmente em 1823; b) foi escritora do primeiro romance brasileiro de autoria feminina; c) foi professora primária, diretora escolar, casando-se no Rio de Janeiro, local em que faleceu no ano de 1869 e d) está em periódicos e em catálogos de livrarias no século XIX (Figura 7).

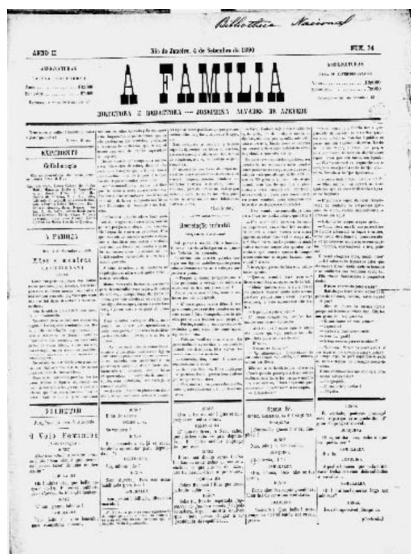
Figura 7 – Capítulo VII, página 12, Edições de *D. Narcisa de Villar*



Fonte: Botteon (2015)

Igualmente, Josefina Álvares de Azevedo, autora de *O voto feminino*, peça teatral concentrada no direito das mulheres ao voto, criou o periódico *A Família*, para expor ideias literárias e sociais. Jornal que circulou de 1888 a 1897, primeiro em São Paulo, depois no Rio de Janeiro, servindo à luta por direitos feministas, à discussão do trabalho remunerado e ao movimento sufragista. Pela ausência dos documentos de historiadores brasileiros, sabe-se pouco da vida pessoal dessa escritora e, por ora, os dados disponíveis são: a data e o local de nascimento da escritora, em Recife, a 5 de março de 1851, bem como de falecimento, no Rio de Janeiro, aos 62 anos, em 1913, deixando dois filhos e uma irmã – registros encontrados na comunicação digital da Livraria do Senado. Essa vida ficou fora dos documentos públicos e os privados ainda não foram conhecidos.

Figura 8 – *O Voto Feminino* no jornal *A Família*.



Fonte: *A Família* (2 out. 1890, p. 2)

No acervo da Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, *O voto feminino*, de Josefina Álvares de Azevedo, é apresentado em forma de folhetim, conforme ilustração, em pé de página, das edições do Rio de Janeiro de 21 de agosto a 13 de dezembro de 1890. A peça gera discussões pelo texto de frases curtas, delineado por um tom de comédia e politizado a partir do ponto de vista da mulher. É relevante destacar que as mulheres brasileiras tiveram direito ao voto em 1932. Assim, o resultado do empenho oficial contou também com a ação intelectual da escritora pernambucana, que não se intimidou diante da oposição masculina. Diz Zahidé Lupinacci Muzart que homens letrados, mesmo sem ler os enredos de autoria feminina, à época da escritora dos oitocentos, ajustavam as tramas a aspectos “de cunho emocional e fantasioso” (MUZART, 1995, p. 5), condenando-as ao isolamento. Apesar das circunstâncias preconceituosas, *O voto feminino*, com os personagens Joaquina e o noivo Antônio, criado do Dr. Florêncio, simula uma crítica moralizante que serve para marcar a emancipação das mulheres, que insistiam em mudanças na sociedade e nas famílias.

A peça favorece que Joaquina sonhe com uma posição social e funções no lar diferentes das usuais, inquietando os conceitos do noivo, pois, para ele, o lugar da mulher seria na “ponta da [cozinha] ou, quando muito, na do quintal!” (transcrição do jornal *A Família* de 16/10/1890, p. 2). Para discordar do ponto de vista masculino, Josefina Álvares de Azevedo encena a mulher na vida pública, viabilizando uma sociedade feminina que pode ser deputada, “senadora, depois ministra, e talvez que ainda [possa] chegar a ser presidente da república...”

(*A Família*, 2 out. 1890, p. 2, 76). No teatro ou em redações jornalísticas, Josefina não permite o enfraquecimento das mulheres em suas lutas. Esta é razão para os intensos argumentos de combate à severidade oficial, feitos pelo exemplo de inovação e esclarecimento, configurados em manifestações artísticas e jornalísticas.

Figura 9 – *A mulher moderna*



Fonte: Sales (2019)

Nos portais de domínio público, o livro *A Mulher Moderna*, que faz parte da Coleção Escritoras do Brasil, editado pela Biblioteca do Senado Federal (Figura 9) está no Tags de Gabriela Sales, postado em 21 de março de 2019. No volume ilustrado, a capa destaca o nome, a foto de Josefina Álvares de Azevedo e o jornal, produção da escritora, fazendo com que ela seja colocada no ambiente editorial brasileiro de divulgação contemporânea. Para lembrar, segundo Gérard Genette (2009, p. 30), a capa é um suporte paratextual visto como “primeira manifestação do livro que é oferecida à percepção do leitor”. Outro espaço da mídia ocupado pela escritora é o da *Folha de S. Paulo*, na coluna “Poder”, de Paula Sperb, de 11 de novembro de 2019, conforme ilustração (Figura 10). O título da manchete tem relação com os 130 anos da República e com a abordagem anterior da Livraria do Senado, justificando, de maneira similar, a presença/ausência do nome da escritora pernambucana na República – apesar da colaboração na história do voto para mulheres brasileiras.

Figura 10 – Mulheres



Fonte: Sperb (2019)

No contexto da Folha de S. Paulo, na manchete “Mulheres viram chance de voto na proclamação da República, mas acabaram excluídas”, de Paula Sperb, encontra-se o nome de Josefina Álvares de Azevedo. Do mesmo modo, no sistema de apoio ao ensino presencial da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC<sup>4</sup>, o nome e a obra de Ana Luísa de Azevedo Castro são referências na disciplina optativa “Literatura em Santa Catarina”. Apesar da aliança com editoras e mídia brasileira no conjunto da apresentação das escritoras dos oitocentos, Constância de Lima Duarte considera que foi “realizada uma parte da tarefa”, mas a historiografia literária brasileira requer o “fortalecimento de uma consciência crítica de perspectiva feminista” com maiores comprometimentos de divulgação social e cultural. Melhor dizendo, é preciso “reescrever a história da literatura brasileira incluindo estas [...] escritoras” separadas da exposição dos eventos da crítica literária brasileira do século XIX (DUARTE, 2018, p. 183

### 3 AO FINALIZAR

De acordo com as informações oferecidas pelas bibliotecas literárias virtuais, Ana Luísa de Azevedo Castro e Josefina Álvares de Azevedo alcançam o atual mercado de editores que permitem manter os nomes das oitocentistas nas referências de leitores contemporâneos. Portanto, a fala dos redatores, em plataformas digitais, é o ponto de conexão das obras com o

<sup>4</sup> Disponível em: <https://moodle.ufsc.br/course/view.php?id=26194>. Acesso em: 5 set 2021.

público, as quais migram do livro impresso para as estantes virtuais, sendo destacadas como vozes femininas de narrativas que transitam como um dos grandes nomes do século XIX.

Elas tiveram suas poéticas limitadas pela recepção canônica que era determinada por imposições masculinas, educativas e familiares; motivo para se falar da divulgação atual de mulheres que ficaram, por longa data, fora do contexto de pesquisas críticas e históricas nacionais. A reflexão deve contribuir para o movimento permanente de reconhecimento das autoras que, em períodos de vida diferentes e gêneros literários opostos, criaram direcionamentos para a emancipação do feminismo que se conhece hoje.

As estreitas ligações da análise com o paratexto, sobretudo em relação ao lugar do epitexto formulado por Gérard Genette, descrevem autoras que, se não foram propriamente feministas, lutaram por ideias de liberdade. Ademais, é interessante pensar que as propagandas interligadas às questões do paratexto com circulação virtual devem resguardar as artistas e as narrativas do desaparecimento do acervo literário nacional. Essa é uma das provas usadas com as quais o estudo, voltado à produção *on-line* fora do livro impresso, pode estabelecer a continuidade da recepção editorial das obras e autoras sugeridas junto a um público diversificado de leitores.

## REFERÊNCIAS

**A Família: jornal litterario dedicado à educação de mãe de família.** São Paulo, 1888-1889; Rio de Janeiro, 1889-1894. Disponível em: <http://bdlb.bn.br/acervo/handle/123456789/38623>. Acesso em: 12 maio 2014.

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. 28. ed. São Paulo: Ática, 1994.

**D. Narcisa de Villar, Ana...** Disponível em: [www.amazon.com.br/Narcisa-Villar-Luís-a-Azevedo-Castro-ebook](http://www.amazon.com.br/Narcisa-Villar-Luís-a-Azevedo-Castro-ebook). Acesso em: 12 fev. 2020.

AZEVEDO, Josefina Álvares de. **A mulher moderna**. Brasília: Livraria do Senado, [s.d.]. (Coleção Escritoras do Brasil) Disponível em: [https://livraria.senado.leg.br/index.php?\\_route\\_=a-mulher-moderna-colecao-escritoras-do-brasil](https://livraria.senado.leg.br/index.php?_route_=a-mulher-moderna-colecao-escritoras-do-brasil). Acesso em: 18 fev. 2020.

AZEVEDO, Josefina Álvares de. **O voto**. A Família, n. 77, 2 out. 1890. BIBLIOTECA DO SENADO. **Fotos**. Disponível em: [https://livraria.senado.leg.br/index.php?\\_route\\_=a-mulher-moderna-colecao-escritoras-do-brasil](https://livraria.senado.leg.br/index.php?_route_=a-mulher-moderna-colecao-escritoras-do-brasil). Acesso em: 10 fev. 2020.

BOTTEON, Carla. **Índigena do Ipiranga**, 11 nov. 2015. Disponível em: [https://issuu.com/carlabotteon/docs/dossi\\_\\_\\_pdf](https://issuu.com/carlabotteon/docs/dossi___pdf). Acesso em: 20 fev. 2020.

CHARTIER, Roger. **Mundo como Representação**. Texto publicado com permissão da revista *Annales* (n. 6, p. 1505-1520, Nov.-dez. 1989). O original em francês encontra-se à disposição do leitor no IEA para eventual consulta em *Estudos Avançados*, v. 11, n. 5, 1991.

CASTRO, Ana Luísa de Azevedo e (YPIRANGA, Indygena do). **D. Narcisa de Villar**. 5. ed. Florianópolis: Mulheres, 2008.

CAJU. **Atividade de pesquisa de Literatura**. Ana Luísa de Azevedo Castro, D. Narcisa de Villar, 18 abr. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yVD8DVfgtqI>. Acesso em: 23 fev. 2020.

DIOGO, Luciana. **‘D. Narcisa de Villar’ em Folhetim, Ana Luísa de Azevedo e Castro – A Marmota (RJ) 13/04/1858 – 06/07/1858**. Memorial de Maria Firmina dos Reis. Disponível em: <https://mariafirmina.org.br/d-narcisa-de-villar-em-folhetim-ana-luisa-de-azevedo-castro-a-marmota-rj-13-04-1858-06-07-1858/>. Acesso em: 15 fev. 2020.

DUARTE, Constância Lima. **Escritoras nordestinas do século XIX: resgate e história**. *Estudos linguísticos e literários*, Salvador, n. 59, p. 177-184, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/28871/17109>. Acesso em: 3 fev. 2020.

GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

HEMEROTECA. Digital da Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/acervodigital/paiz/178691>; <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx;microfilmeseacervoimpresso>. Acesso em: 20 jul. 2015.

MUZART, Zahidé Lupinacci. **A questão do cânone**. *Anuário de Literatura* 3, p. 85-94, 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/viewFile/5277/4657>. Acesso em: 23 jul. 2015.

SALES, Gabriela. **Livro resgata papel da mulher na construção da identidade brasileira**. *Correio Braziliense*, 21 mar. 2019. Disponível em: [https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/cidades/2019/03/21/interna\\_cidadesdf,744319/livro-resgata-papel-da-mulher-na-construcao-da-identidade-brasileira.shtml](https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/cidades/2019/03/21/interna_cidadesdf,744319/livro-resgata-papel-da-mulher-na-construcao-da-identidade-brasileira.shtml). Acesso em: 10 fev. 2020.

SPERB, Paula. **Mulheres viram chance de voto na proclamação da República, mas acabaram excluídas**. *Folha de S. Paulo*, 11 nov. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/11/mulheres-viram-na-proclamacao-da-republica-chance-de-voto-mas-acabaram-excluidas.shtml>. Acesso em: 2 fev. 2019.